

LITERARY PROVINCE OF THE “NEW”:

O. G. Rego de Carvalho and the intellectual controversy from Teresina in the mid 20th century;

A PROVÍNCIA LITERÁRIA DOS "NOVOS":

O. G. Rego de Carvalho e as polêmicas intelectuais teresinenses da metade do século XX¹



JOSÉ MARIA VIEIRA DE ANDRADE
Prof. Ms. UFMA, Campus – Grajaú.
Grajaú, MA- Brasil
zemarvi@yahoo.com.br

Resumo: Neste trabalho, discute-se a atuação e a produção intelectual do literato piauiense Orlando Geraldo Rego de Carvalho e de alguns de seus contemporâneos – escolhidos aqui enquanto pretexto para a análise das transformações culturais vivenciadas ou experimentadas pela sociedade teresinense na metade do século XX – procurando fazer um confronto entre a experiência intelectual protagonizada por esses sujeitos e as mudanças culturais ocorridas na cidade, nesse período. Entre as questões centrais a serem discutidas, daremos ênfase às polêmicas e debates protagonizados pelo literato em questão, tendo em vista as mudanças ocorridas nas condições de vida urbana, bem como da relação existente entre essas mudanças e os projetos de renovação da produção literária piauiense, elaborados no período.
PALAVRAS-CHAVE: Experiência urbana, Produção intelectual, Transformações culturais.

Abstract: In this essay, it is discussed the intellectual action and production by piauiense literate Orlando Geraldo Rego Carvalho and those by some of his companions – here chosen as a motivation for an analysis on the cultural transformations lived or experienced by the late 20th century teresinense society – while intending to produce a comparison between the intellectual experience led by those subjects and the cultural changes that occurred in the city, by that time. Among the central issues set to be discussed, emphasis will be given to the polemics and debates initiated by the referred literate, keeping in perspective the changes that occurred in the urban living conditions, as well as the existing relations between those changes and the renovation projects of the piauiense literary production, also elaborated by that time.

KEYWORDS: Urban Experience, Intellectual Production, Cultural Transformations.

* * *

¹ Artigo submetido à avaliação em 30/03/2012 e aprovado para publicação em 14/05/12

Esse trabalho corresponde a um fragmento extraído da dissertação de Mestrado intitulada “*Entre Narrativas e Fragmentos: história, literatura e experiência urbana em O. G. Rego de Carvalho*”, defendida em 2009, junto ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI.

“A forma de uma cidade muda bem mais rápido que o coração de um infiel”
(Baudelaire)

O panorama cultural da cidade de Teresina, na metade do século XX, foi marcado por uma intensa movimentação ocorrida nos mais diferentes setores do universo intelectual local que, em parte, procurava acompanhar as tendências culturais inovadoras presentes em algumas das principais cidades do país, no período.

Conforme destaca a historiografia que discute o assunto, trata-se de um momento da história nacional fortemente marcado pela crença de que o mundo precisava ser repensado nos mais diferentes campos da esfera cultural, de modo a incorporar as novas demandas trazidas pelo tempo de paz. Por um lado, reativava-se a crença na democracia política liberal, com a inauguração de um novo ciclo político “ingurgitado pelas conquistas da modernidade”, que teria modificado o cotidiano e os hábitos de sua população, e por pretensões desenvolvimentistas na economia (DELGADO, 2007, p.147).

Nesse clima de euforia, a palavra “novo” passou a ser o principal aliado dos projetos culturais elaborados para o país na época, usada não só para pleitear as iniciativas destinadas à construção de um “Novo Mundo”, quanto para dizer que tudo mais também deveria ser “novo”: bossa nova, cinema novo, nova capital. Esse projeto social teria atingido um de seus pontos máximos justamente no decorrer da década de 1950, no Governo do Presidente Juscelino Kubitschek, conduzido sob a promessa de resolver, a curto prazo, os problemas que, desde os tempos coloniais, atormentavam a população. JK prometia progresso material e bem-estar a ser colocado, sob a égide do Estado, ao alcance de todos.

Um das principais bandeiras do período seria o plano de construção da nova capital federal, norteadas a partir do projeto do urbanista e arquiteto Lúcio Costa, denominado *Relatório Plano Piloto de Brasília*, que foi selecionado entre 26 (vinte e seis) planos concorrentes. Um projeto de cidade destinado a integrar o país e resgatá-lo do subdesenvolvimento.

Paralelamente, nesse período, Teresina também foi alvo de diversos esforços e/ou empreendimentos no sentido de retomar o projeto de cidade moderna que, desde muito tempo, tentava-se implantar no tecido urbano da capital. Entre as décadas de 1940 e 1950, a ideia de modernização da sociedade atravessa as mentes e corações de políticos e intelectuais, e a cidade torna-se, então, um verdadeiro “canteiro de obras”

(NASCIMENTO, 2007, p.208).

Do lado do poder público, foram adotadas várias medidas administrativas na tentativa de modificar a própria fisionomia urbana da cidade, imbuídas pelo interesse da sociedade local de implantar ferramentas que pudessem ajudar na construção de um novo Piauí. Grande parte das medidas tomadas teve como principal pretexto as festividades de comemoração do centenário da cidade, programadas para o ano de 1952 e que deveriam ser um marco na história da capital, bem como na do próprio Estado.

No que tange à reorganização espacial, os agentes responsáveis, dando continuidade aos esforços empreendidos nas décadas anteriores, adotam várias medidas com o intuito de dar um aspecto de progresso à cidade e adequá-la às exigências do mundo moderno. São adotadas medidas visando a melhor sinalização das ruas para facilitar o tráfego de automóveis que, até a década de 1950, ainda tinham número reduzido. Mudanças também foram feitas no alinhamento e nivelamento das ruas, de modo a oferecer mais ampla e conveniente disposição para o embelezamento, ventilação, salubridade e higiene da cidade. Além de mudanças estruturais, algumas ruas chegaram a receber novos nomes, perdendo as antigas denominações, consideradas pitorescas para os padrões de cidade moderna defendidos pelos administradores do espaço urbano.

Esse esforço modernizador dispensava uma atenção especial também aos logradouros públicos, como foi o caso da Praça Rio Branco, escolhida como a sala de visita do Centenário, os quais deveriam ser mais utilizados como locais de sociabilidades.

Como diria a historiadora Stella Bresciani, “é na cidade que a história se exhibe” (2002, p.30); é nos seus espaços e edifícios públicos que ela se constitui enquanto lugar de tensão. Nesses espaços, instauram-se possibilidades de ação pela presença coletiva dos atores sociais e pelo registro dessa presença dramatizada em espetáculo que os sujeitos sociais procuram apreender através de diversas vias de acesso. Algumas dessas vias de acesso, como é o caso de alguns dos registros deixados pelos sujeitos sociais, possibilitam que pensemos as transformações do universo urbano percorrendo rotas formadas pela soma de impressões afetivas oriundas de uma “experiência específica de viver em cidades” (BRESCIANI, 1992, p.30).

Ao percorrer algumas trilhas deixadas por essa “ponta do novelo” urbano, deparamo-nos, no período em questão, com uma grande variedade de artigos e crônicas

publicados nos principais jornais da cidade, os quais discutiam os problemas urbanos de Teresina. Ora esses escritos procuravam ressaltar as obras e realizações que vinham sendo feitas no sentido de colocar a cidade no caminho do progresso, enquanto outros discutiam os aspectos que tornavam a cidade ainda distante dessa realidade.

Entretanto, acreditamos ser possível visualizar ainda outra corrente que, embora em certo sentido, não se afaste totalmente do tipo de avaliação presente nas tipologias apontadas anteriormente, traz, por sua vez, o registro de outra sensibilidade urbana da época. São registros que pensam a cidade e as suas transformações urbanas para além das oposições entre bem e mal, vício e virtude, progresso e regresso (SCHORSKE,2000); são textos produzidos em torno de um intenso debate e das polêmicas intelectuais conduzidas por um grupo de homens envolvidos na difícil missão de redefinir os rumos da produção cultural da capital ou mesmo do Estado.

Esse debate teve um de seus pontos altos no meio literário teresinense da metade do século, mais especificamente no período compreendido entre o final da década de 1940 e o decorrer da década 1950. Orlando Geraldo Rego de Carvalho (mais conhecido como O. G.), Manuel Paulo Nunes e Hindemburgo Dobal foram alguns desses personagens que, ao lado de outros estudantes da capital, ensaiaram seus primeiros passos no mundo das letras e se empenharam em traduzir, através de seus escritos, as angústias de um tempo de transição e renovação.

Nesse texto, rastreamos a formação de algumas dessas entidades representativas, em torno das quais esses jovens se reuniram para debater sobre os caminhos a serem trilhados na busca por um lugar, seja em próprio nome, seja em nome da cultura local, no universo das letras nacionais. Nossa prioridade de análise gira em torno dos textos publicados nos periódicos locais pelos sujeitos que, na época, disputavam, na imprensa local, o polêmico título de intelectual, situando a presença de O. G. Rego de Carvalho², uma das personalidades mais assíduas nessas discussões.

Ao retomar parte dos textos escritos por esses sujeitos, nosso propósito maior consiste em contrapor uma diversidade de registros através dos quais acreditamos ser possível pensar alguns dos principais paradoxos que fizeram parte do horizonte de

² O. G. Rego de Carvalho nasceu na cidade de Oerias-PI, em 1930. Em 1942, mudou-se para Teresina com o propósito de dar continuidade a seus estudos. No decorrer da década de 1940, completou sua formação básica nos principais colégios da capital. A exemplo do que ocorrera com alguns de seus contemporâneos, ante a sensação de deslumbramento diante dos encantos da nova cidade, o jovem, além de dar andamento a sua formação, vivenciou outras intensas emoções, algumas delas escolhidas por ele como matéria-prima de seu fazer literário, que envolve tanto uma diversidade de artigos publicados nos principais jornais da cidade, bem como de algumas obras de ficção.

expectativas dos homens de letras que surgiram e produziram no período, especialmente aqueles relacionados à sensação de estarem vivenciando um momento de efervescentes transformações nos mais diferentes campos do universo social.

* * *

Um dos precursores da intensa movimentação cultural ocorrida na cidade de Teresina, entre o final da década de 1940 e início dos anos cinquenta, foi o grupo conhecido como *Arcádia*, que, entre as modestas realizações na época, chegou a editar um jornal, intitulado o *Autêntico*, e a publicar um manifesto acadêmico.

Parte dos integrantes da *Arcádia* chegou a compor paralelamente outra organização representativa, denominada de *Clube dos Novos*, que deveria funcionar como uma espécie de manifesto anti-acadêmico, levado a efeito por aqueles jovens “idealistas e sonhadores” que não se cansavam de lutar pelo “incremento da literatura e das artes no seio de nossa gente” (O PIAUÍ, 1946, p.4).

O novo clube lutará pela divulgação em nosso meio, da literatura, do teatro, da pintura, e por tudo que venha contribuir para o elevamento do nível cultural da mocidade piauiense.

[...] O “Clube dos Novos” terá um órgão de divulgação, fará caravanas de intercâmbio cultural pelos Estados vizinhos, manterá exposição de pintura, encenará peças teatrais, terá representantes em todos os Estados do Brasil, manterá correspondência com todos os escritores, romancistas, poetas e intelectuais vivos.

Mais adiante, esses mesmos jovens criariam a Associação Brasileira de Escritores – Secção Piauí (ABDE-PI), numa sessão do *Clube dos Novos* em que se comemorava o centenário do poeta Castro Alves, em 14 de abril de 1947, mais uma vez contando com a participação dos principais nomes interessados em discutir os desafios e problemas da vida intelectual da cidade, entre eles José Virgílio Castelo Branco da Rocha (presidente), Manuel Paulo Nunes (vice-presidente) e H. Dobal (1º secretário).

Todavia, apesar dos esforços empreendidos por algumas lideranças da época, a maior parte dessas entidades não atingiu um ciclo de vida muito prolongado, pois seus integrantes logo se dispersaram. De forma semelhante, os resultados alcançados nem sempre estavam em sintonia com os anseios e esperanças de seus integrantes. Em parte, isso se devia à própria heterogeneidade dos grupos, que incorporavam entre seus associados uma grande quantidade e variedade de indivíduos, muitos deles com

expectativas bastante diferenciadas.

Entretanto, apesar de alguns segmentos apresentarem um maior interesse por questões políticas, uma das principais características da atuação desses jovens teria sido a adoção de uma postura quase sempre absenteísta em relação às questões sociais. Isso, segundo Nunes (1998), teria sido um dos principais motivos da geração não ter conseguido alcançar resultados mais ousados, nem ter influído mais na vida pública da cidade.

[...] Não apenas devêssemos ter tomado a máscara do tempo e esbofeteá-la, como nos aconselhava Mário de Andrade [...] Talvez devêssemos ter-lhe seguido o conselho estampado em sua última conferência sobre o Modernismo em 1942 e que tanto gostávamos de repetir em nossos verdes anos: “Façam ou se recusem a fazer artes, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espíões da vida camuflados em técnicos da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.” (NUNES, 1998, p.32-3).

Outra variável apontada pelo escritor como empecilho às pretensões dos *Novos* eram as limitações decorrentes das condições estruturais da cidade de Teresina, no período. Para Paulo Nunes, uma das principais limitações decorria das dificuldades existentes na forma de circulação de ideias, fosse dentro da própria cidade – pois havia poucos jornais circulando na capital –, fosse quanto à movimentação de informativos vindos de outras regiões do país, especialmente os jornais e suplementos literários oriundos do Rio de Janeiro, os quais chegavam a Teresina com muitos meses de atraso.

Esses suplementos literários chegavam aqui, às vezes, com atraso de quatro meses. Não havia rádio, praticamente, porque a cidade tinha uma iluminação precária. De forma que era quase uma aventura a nossa atualização, a nossa permanente preocupação com o debate dos problemas nacionais, os problemas universais também, os problemas da cultura (NUNES, 1992, p.22).

Em meio aos registros da época, um dos personagens mais insatisfeitos com os desdobramentos das iniciativas intelectuais das décadas de 1940 e 1950 foi O. G. Rego de Carvalho, o qual, embora tenha participado da maioria das discussões protagonizadas por aqueles grupos de jovens, fazendo parte do chamado “partido do contra”, demonstra em seus textos uma grande preocupação com as condições e com a atuação de seus contemporâneos.

Em meio a seus escritos, veiculou um artigo no jornal *O Piauí*, de 1949, intitulado *Lembranças da Arcádia*, em que, além de alegar que existia uma falta de critérios mais rígidos na escolha dos integrantes da referida entidade, chama a atenção

para o fato de que, mesmo depois de passados alguns anos daquela experiência inicial, grande parte daqueles indivíduos ainda não possuíam nenhum trabalho de relevância para as letras do Estado.

Quando, às vezes, observo o lançamento de mais uma revista dos novos, me vem intempestivamente a lembrança da *Arcádia*. Há alguns anos a turma se reunia na Praça Pedro II, para falar de literatura. Éramos diletantes, confesso, mas nos animava a esperança de escrever e ser lidos.

Afastando, um pouco, porém tomando parte nas palestras e devaneios, estava o partido dos que não aderiram à *Arcádia*, constituído do poeta Hindemburgo Dobal, José Camilo Filho e Eustácio Portella. Dentre nós, os que mais se destacavam eram o romancista Vitor Gonçalves Neto, Manuel Paulo Nunes e Afonso Carvalho.

Enquanto a *Arcádia* cogitava de lançar uma revista, a outra turma cuidava de tirar um jornal [...] Mas nem uma nem outra atingiu suas pretensões, pois o grupo se dispersou.

[...] Assim morreu a *Arcádia*. Dos que ficaram, alguns são funcionários públicos, professores e até livreiros, outros estão tentando ainda. Todavia nenhum tinha uma legítima vocação de escritor e nada produziu até agora (CARVALHO, 1949, p.3).

Ao fazer uma avaliação sobre a atuação dos *Novos*, O. G. Rego procura manter uma postura cética, afirmando, nas suas apreciações, que nenhuma das iniciativas dos seus contemporâneos, até aquele momento, haviam sido suficientes para dar “à província” o merecido lugar no mundo das letras nacionais, assim como também alegava que os integrantes não estavam dando continuidade ao papel que, outrora, havia sido desempenhado pelos intelectuais das gerações anteriores. Para ele, conforme ressalta num artigo publicado em 12 de julho de 1949, quase todos os esforços dos seus contemporâneos não passavam ainda de fracassos de uma gente “prosaica e cabotina”; em outras palavras, tinha-se um grupo que, possuindo algumas poucas realizações banais, vivia apenas para alardear essas suas modestas ações.

Enquanto os jovens escritores provincianos se agrupam “para fazer uma barbaridade”, em nossa terra temos uma turma bem crescida de prosaicos e cabotinos, que se julgam modelos de virtude literária por haverem escritos, quando adolescentes, notas sobre a paz, o petróleo ou a missão dos novos.

Inicialmente esses empedernidos criaram o Clube dos Novos, com propósitos elevados de dar letras ao Piauí. Chegaram a editar um boletim, em que estudaram a reforma agrária, fizeram contestações a Marx, ou condenaram o regime franquista. Mas o Clube dos Novos morreu sem outras realizações, só com as poucas letras do nome.

Depois, homens de ação, se organizaram em caráter sério, fundando “Debates S. A.”, entidade que deveria lançar um diário na capital, para abrir *novos* horizontes. Fizeram os estatutos elegeram-se diretores, todavia, “Debates” agonizou sem relutância e faleceu na santa paz do Senhor, tão anônimo como nasceu.

Recentemente, já escritores, decidiram-se instalar a Abde na província. Encontraram sessenta e tantas criaturas, algumas modestas e

despretenciosas, outras legítimos valores. Nesse rol entraram mais amigos e parentes que escritores. Por isso, a Abde se destina a ser mais um fracasso dessa gente prosaica e cabotina que se julga dona de nossas letras. – O. G. (CARVALHO, 1949, p.3).

Se, por um lado, a produção do escritor teve como um de seus compromissos registrar sua insatisfação com as iniciativas tomadas, por outro, o foco voltou-se para a busca de algo que pudesse servir como parâmetro para o tipo de experiência intelectual que acreditava ser adequada às necessidades do momento. Um dos pontos de referência escolhidos pelo escritor, nesse período, voltava-se para a realização de alguns experimentos em um suplemento literário da Paraíba, intitulado *Correio das Artes*, que, entre seus atributos, tinha uma boa circulação não só nos Estados do nordeste, quanto em outras regiões do país, conforme informa O. G. Rego em uma de suas crônicas periódicas na coluna *Vida Social*, do Jornal *O Piauí*.

Se não me cabe a honra da descoberta, pelo menos fui o primeiro a contar à turma do Clube dos Novos o aparecimento, na Paraíba, desse magnífico suplemento que se intitula *Correio das Artes*. Não sem desvanecimento o tenho lido e apreciado, principalmente porque a realização de Edson Régis veio confirmar as convicções que trazia veladas: os grupos provincianos, por não terem características e nem tendências marcantes, aos poucos buscam o universal.

A província ainda não ganhou expressão própria, e ao contrário, sempre procurou afinar suas inclinações com a pretensa metrópole. *Correio das Artes* pode orgulhar-se de ser dos poucos suplementos que vêm realizando essa fusão entre os novos e velhos, provincianos ou não, também o único que mereça o título.

Com os mais variados colaboradores, desde José Lins do Rego até Bandeira Tribuzzi, apresentou no último número que nos caiu às mãos. Aderbal Jurema como sempre, Haroldo Bruno escrevendo sobre Proust, esse assombroso Gláucio Veiga continuando seu ensaio de sociologia, e ainda várias notas sobre o movimento literário de autoria de Edson Régis.

Um correio como esse Vale a pena registrar; também receber – O. G. (CARVALHO, 1949, p.3)

No texto acima, além de reivindicar um certo pioneirismo no contato com o referido suplemento literário, O. G. Rego procura salientar a contribuição desse periódico como um exemplo de iniciativa que deu certo, mesmo não estando localizado nos grandes centros do país. Para ele, o grande mérito do suplemento estaria principalmente no fato de ter conseguido realizar aquilo que os demais ainda não haviam conseguido: a busca pelo “universal”, ou seja, a capacidade de fundir num mesmo espaço os “novos e velhos”, “provincianos ou não”.

Mas, para o escritor, não era suficiente apenas receber e registrar a existência do

referido suplemento - era necessário que os escritores locais também tentassem publicar ali seus próprios textos, ao lado de trabalhos dos “maiores expoentes da cultura nacional”, coisa que ele procurou fazer logo em sequencia, ao enviar alguns textos para serem publicados no periódico da Paraíba.

No entanto, embora fossem grandes as expectativas depositadas nas oportunidades de publicação em coletâneas e periódicos de outros Estados, os jovens intelectuais de Teresina ainda alimentavam a esperança de protagonizar, no meio cultural da própria cidade, uma experiência que os colocasse em pé de igualdade com as iniciativas desenvolvidas em outros lugares. Para tanto, nada melhor do que a organização de um espaço apropriado, de acordo com o cronista Da Costa Andrade, destinado tanto a “infundir alguma animação em nossos confrades”, quanto constituir-se como “um novo meridiano em nossas letras” (ANDRADE, 1949, p.3).

Com esse intuito, ainda no final do ano de 1949, alguns dos jovens intelectuais, que desde os tempos da *Arcádia* tentavam lograr um lugar significativo no mundo das letras, voltaram a se reunir em torno de uma outra iniciativa local: uma publicação denominada de *Revista Caderno de Letras Meridiano*, desta vez sob a liderança apenas de Manuel Paulo Nunes, H. Dobal e do próprio O. G. Rego de Carvalho. Ao contar com a experiência obtida com as iniciativas anteriores, e, inspirados nos trabalhos desenvolvidos em outras cidades do nordeste, o *Meridiano* deveria reunir os principais expoentes da cultura local e também contar com a contribuição de outros nomes expressivos do cenário literário nacional.

Finalmente, o Piauí pela prôa. É que ele vem – e já vem tarde – através das páginas de MERIDIANO, que os “novos” de Teresina quizeram por na rua e puzeram. Aqui está: são dezesseis páginas apenas, mas quanta bravura e quanta fidelidade! A direção é de Hindemburgo Dobal, O. G. Rego de Carvalho e Manuel Paulo Nunes a que se acrescentam, na feitura da revista, uns pouco mais: Da Costa Andrade, Clemente Fortes, José Virgílio Rocha. As outras colaborações, sem esquecer T. S. Eliot e John Steibeck (muito bom gosto revelam) são de fora, mas são um mínimo, dentro do MERIDIANO [...] (O PIAUÍ, 1949, p.3).

Contando com um universo de colaboradores bem diversificado, o Grupo Meridiano chegou a publicar três volumes da revista entre o final da década de quarenta e início dos anos cinquenta. Porém, mediante as dificuldades estruturais de funcionamento, após a publicação do terceiro volume, o grupo voltou a se dispersar, pondo fim à circulação do periódico.

Não obstante, o nome da revista continuou a ser usado na década de cinquenta enquanto registro editorial para a publicação de algumas obras isoladas, como foi o caso dos dois livros publicados na época por O. G. Rego de Carvalho, bem como de outros autores, entre eles Fontes Ibiapina e Vitor Gonçalves Neto. Desse modo, o precoce encerramento das atividades do Caderno de Letras Meridiano, após a publicação do seu terceiro volume, não pôs fim aos ideais renovadores que motivavam o grupo e os seus idealizadores - ao contrário, eles continuaram presentes nas discussões dos anos 1950, em certos casos extrapolando as fronteiras dos problemas puramente literários.

Contudo, mesmo não tendo uma atuação muito longa, essas iniciativas serviram de estímulo para uma significativa atuação desses jovens nos principais jornais que circulavam na cidade ou mesmo através da organização de outros periódicos de circulação local, alguns com igualmente curto ciclo vital. Com esses esforços, procuravam, assim, dar continuidade a uma tradição intelectual há muito tempo presente em Teresina, formada ainda com a geração anterior dos acadêmicos que fundaram a Academia Piauiense de Letras e estabeleceram uma tradição de vida feita nos cafés, nos bares, nos grupos da boêmia intelectual ou em acaloradas conversas nas praças do centro da cidade.

Na época, devido às constantes mudanças que vinham se processando na fisionomia da cidade, a tradição dos bares e cafés foi pouco a pouco perdendo espaço na vida social, ficando, por outro lado, a prática dos grupos, as discussões e os anseios de inovação alimentando as esperanças de jovens estudantes interessados em constituir a nova geração de críticos e escritores da capital piauiense (NUNES, 1992, p.32).

Dos bares, cafés e praças da cidade, essas discussões projetavam-se para a imprensa local, onde vários desses jovens escritores publicavam periodicamente textos sobre as novidades no mundo das artes e sobre o papel dos “novos” intelectuais de Teresina, a exemplo do que encontramos nos diversos escritos de O. G. Rego de Carvalho. Em seus textos, o jovem escritor empenhava-se em debater sobre os compromissos dos “intelectuais”, bem como para registrar sua insatisfação com as iniciativas tomadas, enfim, empenhava-se na busca de algo que pudesse servir como parâmetro para o tipo de experiência intelectual que acreditava ser adequada às necessidades do momento, conforme afirma em uma de suas passagens pelos jornais da cidade, em 19 de julho de 1949.

Dentre os raros encantos que a província nos oferece, o que mais me fascina é a palestra dos cafês, não que sinta prazer em palestrar, mas pela sedução do ouvir frases elegantes, quer o assunto decorra sobre a política, as artes ou mesmo o cotidiano. Por mais modesto que seja, até o burocrata sabe ser loquaz, cuidando de por à mostra o conhecimento adquirido com a leitura apressada, na noite anterior, das últimas notícias do jornal.

Nem sempre, todavia, a conversação se passa na intimidade. Num canto da sala, esquecidos de que a garçonete cobra o café, há os que palestram em tom solene, decidindo os destinos do homem com os mais finos matizes. São geralmente os intelectuais da terra, membros de academias ou institutos históricos, que não perdem tempo em expor, como numa vitrina, o mundo maravilhoso que previram através do manuseio de obras estrangeiras.

É a preocupação das minúcias que caracteriza outras dessas rodas, a dos candidatos a professor. Discutem, dentre outras causas, se o “estilo é o homem” provém de Buffon ou de madame Sevigné. Um argumenta baseado na gramática, outro num almanaque ilustrado, e discutiriam uma semana inteira se um terceiro, o ar circunspecto de muita cultura, não *abafasse* a banca com uma citação dos clássicos.

Todas essas palestras constituem uma sedução para mim. Algumas vezes fico embevecido gozando o jogo das citações, outras horas aprecio a frase crajevada de pérolas. Mas nenhum fascínio, dentre os que me são proporcionados nos bares, supera o verdadeiro encanto da província: a disputa pelo título de intelectual. – O G (CARVALHO, 1949, p.3).

Ao longo das discussões e debates em torno da vida intelectual de Teresina, o jovem escritor continuou a manifestar, em várias oportunidades, sua insatisfação em relação à contribuição dos homens de letras para a cultura local. Manifestava isso não só através da imprensa periódica, mas também da participação em eventos e solenidades em que era convidado para discursar.

Todavia, ao mesmo tempo em que fazia uma avaliação pessimista dos anseios intelectuais de grande parte de seus contemporâneos, O. G. Rego chegou várias vezes a assumir a função de representante da produção literária da época. E não assumiu essa postura somente em relação a iniciativas promovidas por entidades de outros Estados, que, segundo ele, conseguiram alcançar uma experiência mais satisfatória no campo das artes. Em Teresina, por diversas vezes, chegou a compor algumas comissões avaliadoras de trabalhos patrocinados por órgãos locais, a exemplo da sua participação, em 1956, na avaliação de um concurso organizado pela prefeitura da cidade, ao lado de Clementes Fortes, Raimundo Santana, Manuel Paulo Nunes e H. Dobal.

Ao falar sobre o referido concurso numa entrevista, o jovem crítico, logo de partida, foi questionado pelo entrevistador, que indagou sobre como ele conseguiria conciliar seu posicionamento cético em torno do legado intelectual dos homens de sua geração com a função de avaliador em um concurso que se destinava, justamente, à premiação dos trabalhos produzidos por alguns desses mesmos sujeitos.

É de todos conhecida a opinião do último sobre a vida intelectual em nossa terra: além de Da Costa e Silva, Abdias Neves, João Pinheiro e o poeta contemporâneo H. Dobal, só teríamos mediocridades, a maioria das quais em nossa Academia de Letras.

Como conciliar essa opinião com o prêmio? – perguntamos-lhe (JORNAL DO PIAUÍ, 1956, p.12).

Em resposta, o escritor teria dito: “Não basta ser um único concorrente, é preciso que a obra não envergonhe o prêmio”. E, na sequência, complementa afirmando que “Somente um escritor mantém acesa a vida literária do Piauí”. Enfim, na opinião do autor, dentre os candidatos locais, poucos estariam à altura de concorrer a esse título.

Situações como essa traduzem, por sua vez, alguns dos paradoxos que marcaram a atuação intelectual de O. G. Rego de Carvalho. Ao mesmo tempo em que insistia em afirmar repetidamente sobre a ausência de nomes que poderiam realmente aspirar ao título de escritor, assumia, junto a entidades e organizações da cidade ou de outros Estados, a condição de representante daquilo que afirmava não existir.

Em muitas oportunidades, sua polêmica opinião exigiu imediata retratação por parte de outros críticos e integrantes daquele meio, que, por sua vez, tinham uma apreciação menos cética em relação à atuação dos homens de letras da cidade. Na sessão *Fatos e Notícias* (cinco de abril), do jornal *O Dia* de 1955, veicula-se uma nota que rebate parte das afirmações tecidas por O. G. Rego com relação à suposta ausência de escritores no Piauí:

Contrariando a opinião de O. G. Rego de Carvalho, o Piauí possui e possui intelectuais de valor. Da Costa e Silva, Felix Pacheco, Abdias Neves, Berilo Neves, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Zito Batista, Anísio de Abreu, Amélia Beviláqua, Alcides e Lucídio Freitas, Celso Pinheiro, Jonas da Silva, Armando Madeira, Taumaturgo Vaz, Pedro Brito, Luís Mendes Ribeiro, Joaquim Ribeiro, Coelho Rodrigues, Martins Napoleão, Pedro Borges, Martins Vieira, João Pinheiro, Arimatéia Tito, Cromwel Carvalho, Carlos Castelo Branco e muitos outros piauienses de renome intelectual confirmam a nossa assertiva (O DIA, 1955, p.1).

Contudo, mesmo tentando fugir de uma posição mais extrema, o autor da nota, em alguns pontos, chega a concordar com a opinião do jovem crítico, especialmente quando o assunto se volta para as entidades representativas do meio intelectual da época, os quais, de acordo com ambos, estavam aquém das expectativas depositadas.

Em parte, O. G. Rego de Carvalho tem razão, em sua implicância com o nosso intelectualismo, porque realmente, a Academia Piauiense de Letras e o

Instituto Histórico e Geográfico do Piauí nada têm feito, nos últimos anos, pelo desenvolvimento intelectual da nossa terra. Mas não podemos dizer que, no momento presente, não haja piauienses de sólida cultura e de mérito intelectual. O que falta em nossos intelectuais de mais erudição e talento é a iniciativa em escrever obras de cunho literário ou científico.

Na mesma matéria, é veiculado ainda um terceiro e último comentário, que rebate um dos principais argumentos usados por O. G. Rego para criticar os seus contemporâneos: o de que os intelectuais piauienses da nova geração não publicavam livros.

Conhecido intelectual de nossa terra, imitando a irreverência moça de O. G. Rego de Carvalho, arrasou, no auditório da “Casa Anísio Brito”, a vida intelectual do Piauí, alegando que os intelectuais piauienses da nova geração não publicam livros, como se o merecimento intelectual de alguém consistisse apenas em escrever livros. Carlos de Laet foi um dos maiores valores mentais deste país e publicou apenas a “Vida de Santa Rita de Cássia” (tradução), além da Antologia Nacional em colaboração com Fausto Barreto, de conferências e de farta e opulenta bagagem de artigos, na imprensa do Rio, dissertando sobre assuntos os mais variados: filosóficos, políticos, literários, críticos, etc. Nos bons tempos de Cenáculo Piauiense de Letras, Álvaro Ferreira, Antonio das Neves de Melo, Veras de Holanda, A. Bugyja Brito, Macedo Coelho, Jesus Medeiros, Osiris Neves e Outros Jovens intelectuais, à frente daquele ativo, entusiasta e brilhante sodalício literário, estimulavam o cultivo das letras em nosso meio como verdadeiros homens de pensamento e sem diminuírem, entretanto, as aptidões intelectuais de quem quer que seja. Constitui alto exemplo de beleza moral não se subestimar o valor e os bons predicados dos outros. Respeitamos, todavia, o modo de pensar de um e de outro: *De gustibus et coloribus non est disputandum*.

Em sintonia com o texto acima, em três de maio de 1956, o *Jornal do Piauí* veicula um artigo falando sobre uma conversa entre Osvaldo Soares, outro jovem escritor piauiense, e alguns intelectuais cearenses, acerca da ausência de grupos literários no Piauí, quando da visita de Osvaldo à cidade de Fortaleza. Mesmo admitindo a ausência de uma mobilização conjunta mais significativa entre os homens de letras da província, ressalta o entrevistado que “não cessam os escritores de publicar os seus livros”:

Em Teresina não há movimento de “grupos”. Revistas ou jornais literários já há vários anos não são editados. Não quer dizer, porém, que se não esteja fazendo literatura no Piauí. É que os atuais escritores do meu Estado estão concentrados na realização de uma obra literária propriamente dita – escrevendo livros. No ano passado tivemos o livro de Eugênio Porto, “Roteiro do Piauí”, um estudo sociológico que alcançou grande repercussão no país. Porto dedica-se atualmente à feitura de outro livro do mesmo porte e baseado em um dos capítulos do seu “Roteiro”. O. G. Rego de Carvalho após publicar o seu “Ulisses” (1953), tem produzido inúmeros contos que estão enfeixados em só volume de nova edição de “Ulisses”. O nosso teatrólogo Francisco Bento, apesar de nada haver publicado até o momento, está se

dedicando à revisão de uma peça intitulada “juízo”, a fim de publicá-la no corrente ano. Francisco Bento apresenta-se de quando em vez nos palcos de Teresina com trabalhos de sua autoria que indicam tratar-se de uma verdadeira vocação de teatrólogo. A nossa única vocação poética H. Doba, possui um livro pronto, mas não se decidiu a publicá-lo, preocupado que anda com sua nomeação para Fiscal do Imposto de Consumo. Como você vê, está se fazendo alguma coisa no Piauí, e me cumpre acrescentar que os nossos rapazes estão empenhados na realização de trabalho sério, convictos de que não se faz literatura da noite para o dia. Por isso mesmo, não andam nas colunas dos jornais, e nem se preocupam com publicidade (JORNAL DO PIAUÍ, 1956, p.3).

Nessa entrevista, Osvaldo Soares situa um conjunto de obras e autores que, na sua visão, davam conta da movimentação intelectual da cidade, e, embora a lista mencionada por ele, salvo algumas exceções, esteja constituída dos mesmos nomes listados por O. G. Rego de Carvalho em algumas de suas apreciações, Soares tece uma avaliação positiva do meio literário teresinense.

Não obstante, a opinião de O. G. Rego de Carvalho em relação ao panorama cultural de Teresina, em certos momentos, foi compartilhada por outros cronistas que escreviam nos jornais da década de cinquenta. Entre esses registros, encontramos notas destinadas à orientação dos integrantes mais jovens do meio intelectual da cidade, de modo a não se abaterem diante das constantes disputas travadas entre os colegas de atuação. Ao escrever sobre as condições dos “novos” nesse ambiente de disputa, um cronista inicia seu argumento comparando os desdobramentos dessa atividade na capital ao processo que ocorre com um arbusto muito presente na flora brasileira, que “não resiste ao toque das mãos sem que não lhe murchem as folhas”. Aos olhos das crianças, salienta o autor do texto, esse fenômeno ocorre devido à expressão “maliça, tua mãe morreu” e que, ao retrair suas folhas, a planta estaria “a chorar a perda da mãe”. Porém, a verdade, nos diz o cronista, “é que se ninguém agitá-la, ela permanecerá no rigor dos ramos simetricamente bem dispostos” (ARARIPE, 1952, p.7). Para ele, esse mesmo fenômeno poderia ser percebido na “província literária dos novos”, onde

Jovens apaixonados pelo culto maravilhoso da palavra estréiam, geralmente, no convívio alegre e sadio das escolas, nas rodas culturais que se fazem sempre, onde o entusiasmo supera a inexperiência e a cultura que ainda mal ferve no cadinho das idéias, tendendo, porém, como todos os corpos quentes, a esfriar-se e solidificar-se. Ao publicarem seus primeiros trabalhos, acodem, de ordinário, a crítica familiar de louvores dos colegas e, em consequência, a vontade crescente de continuar, cada vez mais, rumo ao condado magnífico da inteligência. Isto constitui, sem o menor resquício de dúvida, razão preponderante por que costumamos triunfar humildes operários das letras, batizados nos grêmios escolares, e que, depois chegam a montar oficina no mundo das largas cogitações do espírito.

Na analogia construída pelo cronista, compara-se o comportamento dos jovens candidatos ao título de intelectual, diante das cobranças e da crítica do próprio meio onde atuam, ao do arbusto que se retrai ao simples toque da mão. Ao lançarem-se “as vagas de todas as intensidades”, completa o autor da crônica, esses jovens artistas o fazem de modo assustados, “receando um encontro imprevisto de sua obra com algum rochedo no meio do oceano”. Quando isso ocorre, tamanho é o vexame do nauta inexperiente, feito no ambiente de elogios e condecorações, nascidos mais do afeto que do verdadeiro mérito a que faziam jus, que, como providência e defesa, não sabem se lançam âncora ou preferem valer-se das qualidades de timoneiro para, em luta com as ondas, vencê-las na impetuosidade patrocinadora do desastre que se avizinha.

Os intelectuais novos, poetas, escritores ou jornalistas estão, infelizmente, mais ligados a estas condições que distantes delas. Representam, talvez, uma particularidade especial e peculiar à mocidade, a qual está mais para louvores que à análise minuciosa e sensata de seus atos, quando esta prima, como dizemos, pela sinceridade e pelo mérito retratado a nu.

[...]

É preciso, pois, que se recebam, com serenidade, as críticas diversas, sejam elas boas ou más. O responsável pela obra que a defenda com a mesma convicção com que a entregou ao público. Se a tempestade lhe ameaça a casa, ponha-lhe uma ou mais folhas, resguardando-a da força devastadora dos ventos. Desta providência é que se resente os novos literatos.

É que, ao contrário da malícia, resistam à análise e à crítica, não consentindo, todavia, que as páginas trabalhadas ao sacrifício da pena empalideçam e murchem como a sensitiva, que tem as folhas retraídas ao mais leve contato.

Outro registro de descontentamento em relação aos desdobramentos da vida intelectual na província foi feito por Francisco Nogueira, no *Jornal do Piauí*, de 1956. Ao fazer uma leitura do panorama cultural da cidade naqueles tempos, o autor firma que as constantes disputas entre os homens de letras na Capital estavam diretamente relacionadas às mudanças culturais ocorridas na cidade. Segundo ele, ninguém poderia negar o fato de que, naquele instante, a vida estava “diferente”. “E quanto”, ressalta. “Tudo é apressado, padronizado, patenteado, resultado, produzido em massa. Fora disso, o mais é velharia”.

Para o cronista, essas mudanças tiveram pesadas consequências, sobretudo na atividade intelectual da cidade, onde aqueles homens estariam fazendo de tudo para se enquadrar em um novo conceito de vida social.

No plano intelectual, aqui em Teresina, vivemos perfeitamente enquadrados nesse conceito hodiernista da vida, tanto que para ser-se intelectual, aqui, não é necessário adquirir de feitos de visão (o lado prático) à luz forte das lâmpadas, esforçando-se por adquirir conhecimentos com inúteis pesquisas nas vastas obras de reconhecidos escritores, a fim de que, com base na experiência acumulada (que assim se adquire cultura) chegue-se a mais altos estágios do saber (NOGUEIRA, 1957, p.5).

Diante desse cenário de conflitos e disputas travadas nos jornais, percebe-se que, para quase todos esses jovens escritores havia uma estreita aproximação entre o papel do intelectual e a própria transformação da sociedade. Seja para opiniões mais polêmicas, tais como as de O. G. Rego de Carvalho, seja para alguns de seus contemporâneos, percebe-se, a partir desses registros, que havia, em comum, a crença de que os intelectuais tinham, entre outros atributos, o difícil compromisso com a mudança, coma construção do novo, que para a quase maioria daqueles jovens escritores significava a ruptura do isolamento cultural em que se encontrava a capital naquele momento.

O. G. Rego de Carvalho e alguns de seus contemporâneos afirmam que, a exemplo da atuação dos escritores da geração anterior, eles deveriam também assumir um projeto de “literatura como missão”³. Mas, desta vez, a missão seria diferente; em outras palavras, os intelectuais da cidade tinham um papel pedagógico rumo à mudança social e estética.

Ao longo dessas polêmicas, observamos que havia, para esses homens letrados, uma necessidade urgente de definir e defender um modelo de atuação capaz de servir, segundo suas crenças, de parâmetro para um “verdadeiro intelectual”. Buscava-se na vivência dessas disputas os parâmetros para uma constituição de experiência intelectual suficiente para consumir o seu papel frente ao processo de mudança social vivenciado naquele momento.

Do seu lado, O. G. Rego destacava-se nesses debates, na maioria das vezes falando das transformações ocorridas no período a partir de uma certa *amargura provinciana* (PESAVENTO, 2002, p.335), traduzida em seus textos através de críticas mordazes a atuação de seus contemporâneos, queixando-se da pequenez do ambiente, de seu distanciamento das manifestações culturais mais avançadas e questionando o

³ Uma literatura engajada, desejosa de interferir no social, atacando os vícios e distorções do regime republicano. Sobre essa questão Cf.: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. In: *História, Literatura e Sociabilidade*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; SERVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

abismo existente entre a cidade de Teresina e o resto do mundo.

Porém, longe de fazer de O. G. Rego uma voz isolada, essas disputas expressam parte dos anseios paradoxais que, em meio a polêmicas e divergências, motivaram a atuação dos intelectuais dessa geração, quase sempre preocupada em definir os rumos da sociedade local a partir das mesas dos bares e cafés ou nas praças do centro da cidade, onde diariamente se encontravam, ou através de acirradas disputas nos principais jornais locais.

De certo modo, podemos dizer que, se esses textos constituem o registro de um sentimento de perda, não obstante delineiam o impacto de uma nova sensibilidade, através dos quais esses homens dizem estar vivendo no limiar de uma nova era, prenhe de um potencial transformador, diante da qual eles se sentem na obrigação não só de registrar, mas também de tomar frente.

Referências:

Fontes:

A ABDE nos reconduzirá às artes. **Jornal O Piauí**, Teresina Ano LX, p.3, julho de 1949.

CARVALHO, O. G. Rego de. Lembrança da Arcádia. In: **Jornal O Piauí**, Teresina, 9 de julho de 1949, n.501, p.3.

CARVALHO, O. G. Rego de. Prosaicos e Cabotinos. In: Vida Social, **Jornal O Piauí**, Teresina, Ano LX, n.502, p.3, 12 de julho de 1949.

CARVALHO, O. G. Rego de. Encantos da Província. In: Vida Social, **Jornal do Piauí**, Teresina, Ano LX, n.505, p.3, 19 de julho de 1949. CARVALHO, O. G. Rego de. Encantos da Província. In: Vida Social, **Jornal do Piauí**, Teresina, Ano LX, n.505, p.3, 19 de julho de 1949.

Clube dos Novos. Vida Social. **Jornal O Piauí**, Teresina, Ano LVII, n.139, p.4, 22 de setembro de 1946.

O. G. Rego de Carvalho. Edson Regis, Dobal e Eu. In: Vida Social. **Jornal O Piauí**, Teresina, Ano LX, n.512, p.3, 4 de agosto de 1949.

VIDA SOCIAL – A ora e a vez do Piauí. In: **Jornal O Piauí**, Teresina 29 de dezembro de 1949, p.4.

Prêmio de Letras e Artes. In: **Jornal do Piauí**, Ano V, n.389, p.12, 25 de março de 1956.

Fatos e Notícias. In: *O Dia*, Teresina, n.344, Ano VI, p.1, 5 de abril de 1955.

Não há grupos literários em Teresina – Conversa com Osvaldo Soares. In: **Jornal do Piauí**, Teresina, Ano V, n.404 31, p.3, de maio de 1956. (Transcrito de o “Unitário”, Fortaleza-Ceará, 13 de maio de 1956).

NOGUEIRA, F. Como se tornar um intelectual em Teresina. In: **Jornal do Piauí**, ano VI, n.522, p.5, 8 de agosto de 1957.

ARARIPE, Solfieri A. A província literária dos novos. In: **Jornal O Dia**, Teresina, Ano II, n. 94, p.7, 16 de novembro de 1952.

Bibliografia:

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates**. São Paulo, Neru, n.34, 1992

_____. Cidade e História. In: Oliveira, Lúcia Lippi. **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

DELGADO, Lucina de Almeida Neves. Tempo de reencontro em Fernando Sabino: memória, literatura, história e modernidade. **ArtCultura: revista de história, cultura e arte**. Urberlândia, v.9, n.14, jan-jun 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais visitadas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v.27, n.53, jan-jun/2007.

NUNES, Manuel Paulo. **As solidões justapostas**. Teresina: Edições da Academia Piauiense de Letras, 1992.

_____. Tradição e Invenção, discursos acadêmicos – nova série. Teresina: Projeto Petrônio Portela – FUNDEC, 1998.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997, p.13-20.

QUEIROZ, Ana. O Plano Piloto de Brasília e a busca de uma cidade ideal: utopia, arte e

mitologia. In: *ArtCultura*: revista de história, cultura e arte. Urberlândia, v.9, n.14, jan-jun 2007.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. In: **História, Literatura e Sociabilidade**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998;

SCHORSKE, Carl E. A idéia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. In: **Pensando com a História**: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SERVENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Halan. **As formas incompletas**: apontamentos para uma biografia de H. Dobal. Teresina: Oficina da Palavra/Instituto Dom Barreto, 2005, p.27.